



Apresentação

Cem anos é tempo demais. Em se tratando de tecnologia, mais precisamente de suportes midiáticos, seria arriscado querer traçar um quadro mental para daqui tanto tempo. Talvez seja o caso de reduzir o período pela metade. Conseguem visualizar alguma coisa agora? Façam um esforço. Fechem os olhos se quiserem. É provável que as imagens tenham ganhado um pouco mais de contorno. Ainda assim, temos de reconhecer que continuamos num plano muito incerto. Em verdade, o próprio presente em que vivemos se mostra excessivamente efêmero no que diz respeito aos dispositivos técnicos, tornando difícil – ou mesmo impossível – a elaboração de um quadro completo já no agora.

Um exercício preditivo como esse que propusemos ou tão somente o desafio de apreensão que os pesquisadores do audiovisual enfrentam em relação aos objetos comunicacionais que emergem a cada dia apenas nos conduzem para o reconhecimento do valor da teoria semiótica proposta por Algirdas Julien Greimas, cujo modelo conceitual permanece aplicável a uma infinidade de objetos do nosso cotidiano mesmo tendo sido formulada há mais de meio século. Em geral, basta uma década – até menos que isso – para que o conhecimento depositado em um livro se torne ultrapassado. Mas, *Semântica estrutural* (1966) ainda continua como referência no horizonte daqueles que estudam a produção do sentido. A mesma coisa se pode dizer de outras publicações que vieram após essa obra fundadora, escritas por Greimas ou em parceria com interlocutores de seu círculo de atuação. Entre elas, *Sobre o sentido* (1970), *Dicionário de semiótica*, tomos I e II (1979, 1986), *Da imperfeição* (1987) e *Semiótica das paixões* (1991) – apenas para citar alguns exemplos que constam nos trabalhos desta edição.

Não cremos que Greimas tenha sido mais exitoso do que nós em elaborar um quadro mental sobre o futuro – se é que alguma vez o fez nos moldes que sugerimos. Visto que o surgimento e o estabelecimento de tecnologias resultam de relações bastante complexas entre domínios que fogem ao controle do indivíduo, como a política e a economia, ainda que tivesse se colocado numa articulação imaginária como essa é difícil pensar que pudesse ter

//////
tirado dela grande proveito em prol das formulações conceituais e metodológicas que nos ofereceu ao longo de sua vida. O que parece ter dado longevidade à teoria, permitindo inclusive que ela pudesse ultrapassar as fronteiras de sua área de origem, a linguística, e servisse para iluminar questões que interessam a outras esferas, tal como a que nos encontramos no campo do audiovisual, é ter se concentrado menos nos objetos e mais no homem que os cria e os manipula a fim de estabelecer relações com outros ou apenas consigo mesmo. Em outros termos, menos no sentido construído e mais no processo de construção – quer inteligível, quer sensível.

É verdade que as técnicas ou os meios que o homem emprega para criar conteúdos carregam cada qual suas potencialidades e limitações e, à medida que os tempos mudam, naturalmente mudam as maneiras de concretizar os enunciados – o que garante um estado sempre renovado para a análise, capaz de colocar a própria teoria à prova e, se for o caso, atualizá-la também, pois, de fato, Greimas nunca a concebeu como algo terminado, mas como um projeto em construção. É nessa linha que lançamos este dossiê e oferecemos ao leitor um conjunto de textos que podem ajudá-lo a ver o arcabouço teórico da semiótica greimasiana aplicada a uma diversidade de objetos audiovisuais – concebidos para o cinema, a televisão, a internet.

Assim, nas primeiras páginas, Lorenzo Vilches aborda a contribuição dos dois volumes do *Dicionários de semiótica* (1979, 1986) para a teoria narrativa ao projetar diversas entradas-chave ou termos conceituais sobre produtos audiovisuais da contemporaneidade. Na sequência, as relações intersubjetivas ou manipulatórias ganham relevo no texto de Conrado Moreira Mendes sobre o episódio “Hino Nacional”, do seriado *Black Mirror* (2011-atual); e a noção de aspectualização é tratada por Sílvia Maria de Sousa em torno da minissérie *Justiça* (2016), exibida pela Rede Globo de Televisão. Depois, Ana Sílvia Lopes Davi Médola e Bruno Jareta de Oliveira mostram como elementos do esquema canônico do nível narrativo também estão presentes nas histórias interativas contadas em vídeos panorâmicos que integram o projeto *Spotlight Stories*, proposto pelo Google. Encaminhando-nos para a estética e a ética do belo gesto, Kati Eliana Caetano e Sandra Fischer se lançam sobre os filmes *Io sono l’amore* (2009), de Luca Guadagnino, e *Amour* (2012), de Michael Haneke. Por

//////
fim, o papel das relações interdiscursivas ganha espaço no texto de Paolo Demuru ao comparar a narrativa do seriado *House of Cards* (2013-atual), produzido pelo Netflix, e a cobertura jornalística de diversos veículos brasileiros em torno dos eventos que levaram ao impeachment da ex-presidente Dilma Roussef.

Se a teoria continua a lançar luz sobre estes e outros objetos apesar dos novos recursos de produção e possibilidades de fruição que nos são oferecidos – e que realmente acolhemos no nosso dia a dia, como mostrarão os artigos –, talvez seja o caso de suspeitar que o homem continua essencialmente o mesmo e que o modelo conceitual forjado no âmbito da semiótica greimasiana para tangenciar os processos de significação do mundo tenha conseguido tocar-lhe pelo menos a ponta do pé. Um feito muito grande para um tempo tão curto. Cem anos é pouco! Talvez seja o caso lembrar que o período de elaboração efetiva da teoria por seu agente principal esteve reduzido a menos metade disso.

Na seção de artigos, a edição segue com outros seis trabalhos. No primeiro deles, Edison Gomes versa sobre práticas de construção de sentido em imagens científicas e artísticas no filme *Interstellar* (2014), discutindo o estatuto de cada um desses tipos de imagem a partir de suas representações discursivas; Tess Chamusca Pirajá se volta para as formas expressivas de filmes e quadros ao propor aproximações metodológicas entre David Bordwell e Michael Baxandall, apontando possibilidades para um refinamento do olhar; e Alejandro Kelly Hopfenblatt aborda o cinema argentino da primeira metade dos anos 1940, época tida como o momento de consolidação da indústria fílmica nacional, a fim de aprofundar o pensamento acerca das complexas estratégias comerciais e industriais no país por trás da construção de sequencialidades narrativas em obras distintas.

Segundo, Rafael de Luna Freire e Natasha Hernandez Almeida Zapata nos oferecem um panorama acerca da dimensão e das características do circuito de exibição cinematográfica no Brasil no século XX, fornecendo-nos estimativas de quantas salas de cinema já estiveram em funcionamento; com Patrícia Furtado Mendes Machado, voltaremos à origem de arquivos audiovisuais que constituíram o documentário *Retratos de identificação* (2014), de Anita Leandro, a fim de perscrutar o que guardam do olhar que as enquadrou no tempo da urgência da denúncia durante a ditadura militar brasileira e os novos

sentidos que emergem quando remontadas no tempo presente, em que a necessidade é a elaboração de uma memória.

No espaço destinado a resenhas, três obras ganham vitrine. Gabriel Carneiro coloca em evidência o livro de ensaios *Red alert: Marxist approaches to science fiction cinema* (2016), obra em inglês organizada pelo brasileiro Alfredo Suppia e a polonesa Ewa Mazierska. Conforme o resenhista, “a proposta do livro é demonstrar como alguns filmes inscritos dentro do gênero narrativo ficção científica manifestam aspectos da filosofia econômica, social e política de Karl Marx e de pensadores que continuaram seu trabalho no último século e meio”; Lila Foster se encarrega de *Picture ahead: a Kodak e a construção do turista fotógrafo* (2016), livro de Livia Aquino que resulta de sua pesquisa de doutorado no Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). A obra “realiza uma incursão na história visual do século XX tendo como perspectiva a constituição de um imaginário que uniu fotografia e turismo”, comenta a autora da resenha; e Fernando Seliprandy nos traz “*Cinema é mais que filme*”: *uma história das Jornadas de Cinema da Bahia (1972-1978)* (2016) e o laborioso trabalho de Isabel de Fátima Cruz Melo em reconstruir as diversas redes de relações que se estabelecem entre a obra fílmica e seu contexto. Para ele, “o descentramento do olhar é o grande saldo do livro”. A autora está voltada para o circuito cinematográfico de Salvador em plena ditadura.

Na seção de traduções, André Fabiano Voigt e Maurício José de Sousa Júnior nos colocam em contato com “A historicidade do cinema” (1998), de Jacques Rancière. Em nossa língua materna, poderemos acompanhar o autor percorrer sobre a interdependência que as noções de cinema e história mantêm entre si.

A todos, uma boa leitura!

Irene Machado
Jaqueline Esther Schiavoni